

## SIMPÓSIO AT222

### NEOLOGIA E A IDENTIFICAÇÃO GRUPAL EM LETRAS DO FUNK

COSTA, Daniel Soares da  
Universidade Estadual Paulista – FCL – Araraquara  
dan.fono@gmail.com  
daniel.costa@unesp.br

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo fazer um levantamento e análise dos neologismos nas letras de *funk*. Como estilo musical ligado a questões sociais, as letras do funk apresentam peculiaridades de uso que podem ser interpretadas como marcas de identificação social. Pudemos notar, na leitura de algumas letras de MCs, que, além do conteúdo global da letra, ocorre o uso de palavras específicas, que poderiam ser classificadas como gírias de identificação de um determinado grupo social. Em nossa análise, pudemos verificar que, em sua maioria, essas gírias são constituídas por neologismos, principalmente neologismos semânticos. Apresentaremos a análise que fizemos de um *corpus* constituído de neologismos retirados de letras de *funk*, tentando relacioná-los à caracterização do grupo social a que se referem (muitas vezes jovens da periferia, das favelas). Trata-se de um trabalho que envolve a interação entre duas áreas dos estudos linguísticos, a Neologia e a Sociolinguística, uma vez que analisa uso de palavras novas, relacionado a um tipo de variação linguística, as gírias de identificação grupal.

**Palavras-chave:** Neologismo; Gíria; Funk; Identificação Grupal.

**Abstract:** This work aims to collect and analyze neologisms in Brazilian funk lyrics. As a musical style linked to social issues, the lyrics of these songs present peculiarities of use that can be interpreted as marks of social identification. In some lyrics we could note that specific words are used, which could be classified as slang of identification for a particular social group. In our analysis, we could verify these slang are constituted by neologisms, semantic neologisms for the most part. We will present our analysis of data composed of neologisms taken from Brazilian funk lyrics trying to relate them to the characterization of the social group to which they refer (often young people from the city outskirts and shanty town). It is a work that involves two areas of linguistic studies, Neology and Sociolinguistics, since it analyzes the use of new words related to a type of linguistic variation, the group identification slang.

**Keywords:** Neologism; Slang; Funk; Group Identification.

#### Introdução

O objetivo deste trabalho é apresentar e analisar algumas ocorrências de neologismos nas letras do estilo musical conhecido como *funk* brasileiro.

O movimento do *funk* brasileiro teve sua origem na música negra norte-americana da década de 1960, sendo um gênero musical advindo da mistura entre o *soul music*, o *jazz* e o *rhythm and blues*. De acordo com Amorim (2009), nas últimas décadas, o gênero, que tem como espaço mais atuante, no Brasil, a periferia do Rio de Janeiro, ganhou batidas mais fortes e certo erotismo, manifestado, principalmente, por meio da dança.

Como gênero musical ligado a questões sociais, tais como o cotidiano na periferia, nas favelas, bem como a questão da violência, das drogas e da exacerbação da sexualidade, nossa hipótese é a de que suas letras apresentam características de um falar que podem ser interpretadas como marcas de identificação social. Pudemos notar a ocorrência frequente de neologismos, na sua maioria semânticos, que podem ser classificados como gírias de identificação de um determinado grupo social.

Primeiramente, discorreremos um pouco sobre o estilo musical *funk* brasileiro, em seguida trataremos do tipo de variação linguística caracterizado pelo uso de gírias e, por fim, apresentaremos a análise de alguns neologismos encontrados no *corpus*.

## 1. O funk brasileiro

O *funk* teve a sua origem no *blues* e na *soul music* americana, no final da década de 1950 e início da de 1960, com uma modificação nas suas batidas, que se tornaram mais fortes, além do acréscimo de certo erotismo, trazido principalmente pela dança que acompanha esse tipo de música. De acordo com Amorim (2009, p. 27), as raízes do movimento remetem à música negra norte-americana da década de 1960, dos lamentos do *blues*, no período mais remoto, passando para o *rhythm and blues*, que apresenta uma marcação rítmica mais forte, e o *soul music*, que incorpora melodias da música gospel norte-americana.

Para Vianna (1988), o *funk*, desde a sua origem, vai além de apenas um estilo musical. Trata-se de um estilo que reflete no comportamento, nos modos de se vestir, cortes de cabelo, jeito de andar e de falar, entre outras coisas.

No desenvolvimento do *funk* como estilo musical, encontram-se diversos desdobramentos e técnicas. Variações nos ritmos trouxeram os estilos do *rap* e do *hip-hop*. Técnicas de mixagem (mistura de sons, sobreposição de melodias e ritmos, utilização da eletrônica para a produção musical) e a técnica do *scratch*, que consiste em produzir ruído, obedecendo a um determinado ritmo, por meio da inversão da rotação do disco de vinil com a mão, trouxeram as características que diferenciam esses estilos musicais de outros. Além dessas características, temos a utilização de letras que tratam da situação da exploração africana na cultura ocidental, ou seja, são estilos musicais engajados com a situação social, principalmente no que respeito à marginalização dos menos favorecidos economicamente.

Esse engajamento social que vem desde a sua origem permanece nas letras do *funk* de hoje. Atualmente, no Brasil, o gênero ganhou repercussão nacional, apesar de ainda ser mais forte na periferia carioca, e é um gênero musical fortemente ligado a questões sociais.

## 2. O grupo social e as gírias

Horton e Hunt (1980, p. 128) definem grupo social como um número de pessoas que partilham uma consciência de filiação e interação. Dessa forma, pode-se dizer que um grupo social se constrói com pessoas que partilham interesses comuns e que interagem entre si de modo a trocar idéias, refletir sobre questões relacionadas a esses interesses.

Além do fazer parte de um grupo, em alguns casos, os indivíduos sentem a necessidade de se identificar como pertencentes a esse grupo. Para atender a esse propósito, algumas características são estabelecidas e podem fazer referência ao modo de se vestir (por exemplo, integrantes de motoclubes costumam vestir jaquetas de couro preto, calças jeans e botas), aos produtos que as pessoas consomem (pessoas vegetarianas, veganas, por exemplo, não consomem carne), às músicas que ouvem (por exemplo, as pessoas que se denominam 'roqueiras', pois só ouvem e assistem a shows de rock) e, entre muitas outras, ao modo de falar, que pode ser caracterizado por meio do dialeto dos integrantes, bem como por meio de jargões, no caso de grupos de

peças de determinadas profissões, e as gírias que, diferentemente dos jargões, não estão relacionadas a nenhuma profissão, mas são palavras específicas, que identificam determinado grupo social. É importante dizer, também, que essas características podem ser utilizadas em conjunto para identificar um mesmo grupo (modo de se vestir + modo de falar + modo de andar, e assim por diante).

Em relação ao *funk*, podemos perceber a formação de um grupo: o dos *funkeiros*. O funkeiro não é, necessariamente, a pessoa que cria, compõe músicas *funk* (esses são os MCs), porém é a pessoa que gosta de ouvir as músicas, de ir aos bailes e de viver esse estilo de vida. Além disso, o funkeiro é engajado com a comunidade em que vive, conhece os moradores e está a par dos acontecimentos e dos problemas do bairro.

No entanto, a figura relacionada ao *funk* veiculada pela mídia é a dos MCs funkeiros. A sigla MC significa Mestre de Cerimônia e representa, hoje, o cantor e compositor de *funk*. Esses MCs se vestem e se comportam de maneira específica: em relação à vestimenta, normalmente usam um boné com a aba reta e altura elevada do topo, uma camiseta de tamanho muito maior do que o que seria o tamanho da pessoa, calças mais folgadas, relaxadas, jóias muito grandes, normalmente correntes e anéis de ouro; além disso, costumam ter tatuagens pelo corpo e andar de um modo específico, com um certo gingado. Essa imagem é difundida na mídia, o que faz com que as pessoas que se identificam como funkeiras passem a se vestir e se comportar da mesma maneira, sejam elas da periferia carioca (berço do *funk* brasileiro) ou de qualquer outro lugar do país.

Nossa hipótese, neste trabalho, é a de que algumas características das letras das canções representam não necessariamente um trabalho estético com a palavra, mas o falar próprio do morador das comunidades mais carentes do Rio de Janeiro. O uso de palavras específicas nos aponta a identificação desse grupo social por meio de gírias que são, de acordo com Patriota (2009, p. 31) “formas e expressões linguísticas que, motivadas por fatores como idade, sexo, profissão, condição social, escolaridade, surgem como variações próprias de grupos que compartilham uma forma particular de comunicação”.

Apresentaremos a seguir a análise de algumas palavras neológicas que aparecem nas letras de canções de *funk* brasileiro, que podem ser consideradas como gírias de identificação social do grupo.

### 3. Análise dos dados

Começaremos com a palavra ‘bonde’, presente na letra da canção ‘Na atividade’, de MC Guimê. Primeiramente, vejamos o verso onde ela aparece, para determinarmos o seu significado por meio do contexto:

*“Eles ficam atacados e começam a reclamar  
Porque o **bonde** chega e sai bem de qualquer lugar...”*

De acordo com o Dicionário Online Priberam da Língua Portuguesa, a palavra ‘bonde’ significa, de uma maneira geral, um tipo de veículo (“Viatura urbana de transporte de passageiros, geralmente com apenas uma composição, movida por eletricidade e que circula sobre carris de ferro”).<sup>1</sup>

No entanto, o significado de ‘bonde’ na letra é de ‘um grupo de amigos que estão sempre juntos’. Trata-se, portanto de um neologismo semântico, já que não ocorre uma alteração na forma da palavra, porém apenas no seu significado.

A segunda palavra que apresentamos é ‘nave’, identificada na letra da canção ‘Plaquê de 100’, também de MC Guimé. Vejamos o trecho:

*“E como de costume, toca a **nave** no rasante  
De Sonata, de Azera, as mais gata sempre pira...”*

De acordo com o dicionário, ‘nave’ significa “veículo concebido para viagens no espaço para além da atmosfera terrestre”.<sup>2</sup> No entanto, a presença dos nomes ‘Sonata’ e ‘Azera’ indica que, no contexto da letra, ‘nave’ significa ‘automóvel caro, grande e de última geração’, já que esses nomes são de dois carros de luxo da marca Hyundai. Novamente, temos a presença de um neologismo semântico.

<sup>1</sup> <https://dicionario.priberam.org/bonde>

<sup>2</sup> <https://dicionario.priberam.org/nave>

Encontramos, também, um caso de neologismo formal, ou seja, um neologismo formado a partir de um dos processos de formação de palavras do português. Trata-se da palavra ‘periguete’, presente na música ‘Beijinho no ombro’, do grupo Gaiola das Popozudas. Vejamos o verso em que esta palavra aparece:

*“O meu sensor de **periguete** explodiu  
Pega sua Inveja e vai pra...(Rala sua Mandada)”*

Não há uma definição para esta palavra em nenhum dicionário. No entanto, encontramos uma definição em um dicionário informal, virtual, cujo endereço é <https://www.significados.com.br>. De acordo com esse site, ‘periguete’ ou ‘piriguete’ é “uma gíria na língua portuguesa, considerada como um termo pejorativo, usado para descrever uma mulher provocadora que demonstra interesse por outras pessoas, mesmo que uma das partes esteja em um relacionamento”.<sup>3</sup>

Nossa hipótese para a formação desta palavra é a de que se trata de um substantivo derivado do substantivo ‘perigo’ por meio do acréscimo do sufixo ‘-ete’, o que nos daria a seguinte estrutura:

[[Perigo]<sub>subst.</sub>+[ete]<sub>suf.</sub>]<sub>subst.</sub>

A base para a derivação é a palavra ‘perigo’, o que gera uma relação de sentido com o significado proposto para ‘periguete’, que seria, de certa forma, uma mulher que “oferece perigo” para as outras mulheres em relação ao seu namorado. De acordo com Alves (2010), o sufixo -ete, originário do sufixo latino diminutivo -ittum, -ittam, forma vários derivados que exprimem a pequenez, por vezes com valor pejorativo, laudatório ou hipocorístico.

Outra palavra interessante é ‘picadilha’, que aparece na canção ‘Picadilha de Boy’, de MC Galo. Não há uma definição para esta palavra nos dicionários. No entanto, e acordo com Moraes (2015, p. 89), trata-se de um substantivo que significa atitude, ação ou expectativa. Vejamos o trecho que ela aparece:

<sup>3</sup> <https://www.significados.com.br/piriguete/>



*“Olha o bonde passando  
Olha o bonde passando  
**Picadilha** de boy  
Coração de malandro.”*

Pelo contexto da letra, podemos perceber que, além da definição dada por Morais (2015), ‘picadilha’ também pode significar “estilo”, relacionado ao modo de se vestir. Ou seja, apesar de ter “estilo de boy”, o coração ainda é de malandro.

Para finalizar, apresentamos a palavra ‘lance’, que aparece na letra de ‘Ela é Top’, de MC Bola. De acordo com o dicionário Priberam, ‘lance’ é uma palavra formada por derivação regressiva a partir do verbo ‘lançar’ e significa “ato ou efeito de lançar; ímpeto; ocasião; risco, perigo; aventura, caso difícil, conjuntura, acontecimento”.<sup>4</sup> Vejamos os versos onde esta palavra aparece:

*“Encanta com seu jeitinho ela não é de ninguém  
Mas é chegada num **lancinho**.”*

A palavra aparece no diminutivo na letra e, novamente, temos o caso de um neologismo semântico, já que o significado desta palavra no contexto da música é de ‘namoro sem compromisso, ou “ficar” com alguém no baile’.

#### 4. Considerações finais

Pudemos constatar, com os dados apresentados, que a maior parte dos neologismos utilizados nas letras de funk são neologismos semânticos, ou seja, trata-se da utilização de uma palavra já existente, em um determinado contexto, em que o seu significado muda para um significado novo, não atestado nos dicionários.

O único neologismo que encontramos criado por derivação foi ‘perigete’, que entendemos se tratar de uma derivação sufixal a partir do substantivo ‘perigo’ junto com o sufixo ‘-ete’, formando um novo substantivo que significa “mulher que oferece perigo”.

<sup>4</sup> <https://dicionario.priberam.org/lance>

A criação de neologismos em letras de música é muito comum. Podemos encontrar esse tipo de fenômeno nas letras de diversos artistas da música brasileira, nos mais diversos gêneros musicais. Normalmente, a ocorrência de neologismos em letras de música tem a finalidade estilística, referindo-se a um jogo do compositor com as palavras, com base nas diversas possibilidades de construção lexical, nos diversos níveis da língua: fonológico, morfológico, sintático e semântico.

O funk, nesse aspecto, se diferencia, pois os neologismos que aparecem nas suas letras não representam finalidade estilística por parte do compositor, mas retratam a variedade da língua utilizada por esse grupo social, que está ganhando um outro *status*, aproximando-se mais de um estilo de vida e comportamento, sendo disseminado por outras regiões do país, não se restringindo à periferia do Rio de Janeiro.

### Referências bibliográficas

AMORIM, M. F. de. **O discurso da e sobre a mulher no funk brasileiro de cunho erótico**: uma proposta de análise do universo sexual feminino. 2009. 188 p. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem. Unicamp. Campinas, 2009.

ALVES, I. M. O sufixo -ete no português brasileiro contemporâneo. In. **Actas Semiotica et Linguística**, v. 15, ano 34, nº 1, 2010. Disponível em <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/actas/article/viewFile/14657/8309>>. Acesso em 30/05/2019.

DICIONÁRIO Online Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em <<https://dicionario.priberam.org/>>. Acesso em 31/05/2019.

HORTON, P.; HUNT, C. L. **Sociologia**. Nova Iorque: McGraw-Hill, 1980.

MORAIS, F. L. **Funk, a linguagem proibida**: um ponto de vista sociolinguístico. 2015. 213 p. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, 2015.

PATRIOTA, L. M. **A gíria comum na interação em sala de aula**. São Paulo: Cortez, 2009.

VIANNA, H. **O mundo funk carioca**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.